

ARTIGOS
PAPERS

Theodor W. Adorno e a dialética negativa*

Theodor Adorno and the negative dialectics
Theodor Adorno y la dialéctica negativa

1

DOI: 10.18226/21784612.v23.n1.1

Pedro Savi Neto**

Resumo: O presente artigo, baseado em uma pesquisa teórica, se propõe a abordar a concepção de dialética negativa de Theodor W. Adorno, partindo de sua crítica aos sistemas filosóficos tradicionais de caráter idealista. A filosofia de Adorno se afigura como uma crítica às filosofias de caráter idealista, na medida em que entende que tais sistemas filosóficos partem de uma relação de conhecimento entre sujeito e objeto, a qual se trata, em verdade, de uma relação de dominação, na medida em que é ditada por interesses instrumentais de desencantamento da natureza e sua submissão matemática às necessidades inerentes à sociedade burguesa que se formava animada pelo esclarecimento. Essa instrumentalidade contamina a razão, retirando-lhe o fundamental exercício racional e se convertendo novamente, em uma explicação que conserva aspectos da explicação inerentes ao mito, que pretendia superar. Esse é o elemento da dialética do esclarecimento: a razão que pretende superar o mito, mas que, pela sua forma de estruturação, o conserva em seu interior. Como forma de resposta à racionalidade instrumental, Adorno concebe sua dialética negativa, buscando resguardar a racionalidade da razão pelo exercício da negatividade. A negatividade parte da consciência da necessidade de conservar a materialidade da realidade no interior da razão, desiderato para o qual a formação estética de Adorno foi determinante.

* O presente artigo é composto de partes modificadas da dissertação e da tese do autor.

** Bolsista de Pós-Doutoramento PNPD/Capes, no Programa de Pós-Graduação em Educação/PUCRS. Graduado em Filosofia e Ciências Jurídicas e Sociais. Mestre em Filosofia. Doutor em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com estágio no Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC) – Madri. *E-mail:* p.savi@hotmail.com

Assim, para atingir o objetivo deste artigo, são abordados aspectos biográficos do filósofo relacionados à formação do seu pensamento a partir de sua experiência pessoal e vinculada à Teoria Crítica da Sociedade. Com isso, pretende-se evidenciar a origem de sua concepção de crítica da razão pela razão, a partir da concepção de uma dialética negativa.

Palavras-chave: Theodor Adorno. Dialética negativa. Teoria Crítica.

Abstract: The present article, based on a theoretical research, proposes to approach the conception of the negative dialectic of Theodor Adorno, starting from its critic to the traditional philosophical systems of idealistic character. Adorno's philosophy is constructed as criticism of idealistic philosophies, insofar as he understands that such philosophical systems start from a relation of knowledge between subject and object that is, in fact, a relation of domination, inasmuch as is dictated by instrumental interests of disenchantment of nature and its mathematical submission to the inherent needs of bourgeois society, which was animated by enlightenment. This instrumentality contaminates reason, withdrawing the fundamental rational exercise and becoming again an explanation that retains aspects of the explanation inherent to the myth, which he intended to overcome. This is the element of the dialectic of enlightenment: reason that seeks to overcome myth, but which, by its form of structuring, preserves it in its interior. As a form of response to the instrumental rationality, Adorno conceives its negative dialectic, seeking to protect the rationality of reason by the exercise of negativity. Negativity starts from the awareness of the need to preserve the materiality of reality within the reason, desiderato for which the aesthetic formation of Adorno was determinant. Thus, to reach the objective of this article, will be approached biographical aspects of the philosopher related to the formation of his thought from his personal experience and linked with the Critical Theory of Society. With this, it is tried to evidence the origin of its conception of critic of reason by reason, from the conception of a negative dialectic.

Keywords: Theodor Adorno. Negative dialectics. Critical Theory.

Resumen: El presente artículo, basado en una investigación teórica, se propone abordar la concepción de la dialéctica negativa de Theodor Adorno, partiendo de su crítica a los sistemas filosóficos tradicionales de carácter idealista. La filosofía de Adorno es construida como crítica a las filosofías de carácter idealista, en la medida en que entiende que

tales sistemas filosóficos parten de una relación de conocimiento entre sujeto y objeto que se trata, en verdad, de una relación de dominación, en la medida en que es dictada por intereses instrumentales de desencanto de la naturaleza y su sumisión matemática a las necesidades inherentes de la sociedad burguesa que se formaba animada por el esclarecimiento. Esta instrumentalidad contamina la razón, retirándole el fundamental ejercicio racional y convirtiéndose nuevamente en una explicación que conserva aspectos de la explicación inherentes al mito, que pretendía superar. Este es el elemento de dialéctica del esclarecimiento: la razón que pretende superar el mito, pero que por su forma de estructuración lo conserva en su interior. Como forma de respuesta a la racionalidad instrumental, Adorno concibe su dialéctica negativa, buscando resguardar la racionalidad de la razón por el ejercicio de la negatividad. La negatividad parte de la conciencia de la necesidad de conservar la materialidad de la realidad en el interior de la razón, desiderato para el cual la formación estética de Adorno fue determinante. Así, para alcanzar el objetivo de este artículo, se abordarán aspectos biográficos del filósofo relacionados a la formación de su pensamiento a partir de su experiencia personal y vinculada con la Teoría Crítica de la Sociedad. Con ello, se pretende evidenciar el origen de su concepción de crítica de la razón por la razón, a partir de la concepción de una dialéctica negativa.

Palabras-llave: Theodor Adorno. Dialéctica negativa. Teoría Crítica.

Considerações iniciais

O presente artigo se propõe a abordar a dialéctica negativa de Adorno. Tal tarefa se afigura complicada em razão do caráter fragmentário da obra do pensador, da adoção do ensaio como forma, da infinidade de temas e problemáticas abordadas sob os pontos de vista filosófico, psicanalítico, sociológico, econômico e estético. Tais marcas da filosofia adorniana podem parecer, para um leitor que não se dedica à obra de Adorno com o devido cuidado, que se trata de um conjunto de textos sem relação entre as ideias desenvolvidas nas diferentes fases da vida do filósofo, contudo se pretende indicar uma chave de leitura para o caminho argumentativo realizado pelo filósofo, buscando evidenciar a coerência interna e as implicações, muito atuais, de sua dialéctica negativa.

Conforme se pretende evidenciar, a obra de Adorno mantém impressionante coerência e uma incrível articulação entre a primeira e a última obras, afigurando-se fiel durante todo seu itinerário à construção de uma argumentação racional e crítica que não pretende se afirmar como

uma visão da totalidade da realidade, pensada para ser uma contundente resposta ao idealismo alemão.

Aspectos biográficos determinantes no pensar de Adorno e a formação da Teoria Crítica

Serão apontados alguns aspectos sobre a vida de Adorno apenas na medida em que servirão de estacas para as linhas que serão lançadas para atingir o objetivo do presente artigo. Nascido em *Frankfurt am Main*, em 11 de setembro de 1903, Theodor Ludwig Wiesenngrund-Adorno, filho de Oscar Wiesenngrund, um bem-sucedido comerciante de vinhos judeu-alemão, e de Maria Calvelli-Adorno, uma cantora, foi um pensador especialmente marcado pelo seu tempo, um *século de catástrofes*. Por coincidência, após sua morte, que ocorreu em 6/8/1969, uma conhecida catástrofe aconteceu justamente na data de seu nascimento: o 11 de setembro.¹

Adorno teve uma forte influência da música no seu desenvolvimento intelectual, na medida em que sua mãe era cantora, e sua tia, que morava com a família, Agathe, era pianista e acompanhava uma das maiores cantoras líricas de sua época, Adelina Patti. Em sua formação, não faltaram estímulos e discussões estéticas, fato que claramente definiu sua concepção filosófica da realidade. A filosofia de Adorno, em sua forma e conteúdo, é marcada por um forte elemento estético: mais do que isso, conduz a um momento no qual a arte resta sugerida como o elemento de possibilidade de humanização do humano. Contudo, para chegar nesse momento estético, o caminho de Adorno é caracterizado por contundentes reflexões psicanalíticas (influenciadas por Freud), históricas, sociológicas e, é claro, filosóficas.

No ano de 1922, aos 19 anos, em um seminário sobre Husserl, conhece Max Horkheimer e, no ano seguinte, Walter Benjamin (este com 31 anos na ocasião), dois personagens muito importantes na vida de Adorno. Graduado em Filosofia aos 21 anos de idade (1924), Adorno obtém sua habilitação para tornar-se professor de Filosofia somente em 1931, aos 28 anos, com uma tese sobre a construção do estético em Kierkegaard. A questão central dessa tese, que serviria, como ponto de chegada filosófico de Adorno a partir dali, é uma inversão na concepção de Kierkegaard, que

¹ Em 11/9/2001, quatro aviões foram sequestrados e jogados contra as torres do World Trade Center, do Pentágono e um caiu em campo, todos sem sobreviventes, no atentado terrorista com maior número de vítimas já ocorrido nos Estados Unidos.

entendia o estágio estético como inferior ao religioso, pois seria distinguido pelas preocupações sensuais e materiais; para Adorno, a consciência estética, ao contrário, seria capaz de proporcionar um conhecimento mais aproximado das contradições do mundo real, justamente em vista da ambivalência da concepção estética (problema apontado por Kierkegaard que macularia o plano estético quando comparado ao religioso).²

A questão da ambivalência da concepção estética como caminho de possibilidade para um conhecimento mais real da realidade marcará a obra de Adorno, encaminhando-se até a sua *Teoria estética*, a última de suas obras que ficou inacabada pela sua morte, mas que, ainda assim, é capaz de oferecer elementos de interpretação para os momentos anteriores de sua filosofia. É possível afirmar que a *Teoria estética* se trata de decorrência lógica de todos os momentos anteriores da obra do pensador frankfurtiano, e que todas as obras anteriores são, de alguma forma, preparatórias para a última, para o momento estético.

Em 1932, Adorno, já com clara influência de Benjamin, participa de seu primeiro número da revista do Instituto de Pesquisa Social, sob a direção de Horkheimer, com o texto “A situação da música”. O Instituto de Pesquisa Social foi fundado em 1923, de forma independente de Adorno e Horkheimer (diretor do instituto entre 1928 e 1930), na semana da “Jornada Marxista”. O instituto pode ser considerado como dedicado a pesquisas marxistas ortodoxas até ser dirigido por Horkheimer que trouxe contribuições da psicanálise aos estudos, afastando as pesquisas do instituto de um marxismo estrito.

A partir de 1933, a vida de Adorno é modificada pelo avanço dos nazistas na Alemanha. Em pouco tempo, o instituto é considerado hostil aos interesses do Estado, sendo confiscados mais de 70 mil volumes de sua biblioteca, o que determinou o seu fechamento. Adorno resiste na Alemanha até 1934, quando se decide por um exílio voluntário na Inglaterra, permanecendo em Oxford até fevereiro de 1938, ano no qual, por convite de Horkheimer, muda-se para Nova Iorque para retomar, em meio turno, os estudos no Instituto de Pesquisa Social e, no turno restante, dedicar-se ao *Music Study*, solo fértil à produção do ensaio “Caráter fetichista da música e a regressão da audição”. Tal período é muito produtivo para Adorno e só foi interrompido pela morte trágica de Benjamin, em setembro de

² “Não é por acaso que o paradoxo foi, desde Kierkegaard, a forma decadente da dialética.” (ADORNO, 2009, p. 124).

1940, em *Port Bou*, na fronteira da França com a Espanha. Temendo sua captura por tropas franquistas e alemãs, Benjamin tomou uma grande quantidade de morfina durante a noite.

Também em 1940, o Instituto de Pesquisa Social é transferido para a Califórnia, caminho seguido por Adorno em 1941. Em 1944, em parceria com Horkheimer, eles concluem a *Dialética do esclarecimento*, que viria a ser publicada em 1947, em Amsterdam – Holanda, uma das obras mais significativas da história da filosofia. Merece nota o fato de que a sociedade americana, até pelo forte choque cultural com o ambiente de formação intelectual de Adorno, serviu de elemento sensibilizador para a crítica à racionalidade instrumental e à indústria cultural tecida exatamente no período do exílio voluntário em território americano.

Entre os anos de 1944 e 1947, Adorno escreve um livro com um forte caráter ético-estético: *Minima Moralia: reflexões sobre a vida danificada*, uma obra construída por fragmentos e que tem como principal ponto de reflexão o sujeito isolado em uma sociedade exaustivamente administrada. Em 1955, é publicada *Prismas*, uma coleção de 12 ensaios que, de forma indireta, quase como uma psicanálise da cultura, pretende analisar a sociedade a partir das manifestações artísticas.

No ano de 1967, a *Dialética negativa* vem como uma defesa da verdadeira dialética à visão totalitária de mundo a partir do novo imperativo categórico moral após Auschwitz: “A humanidade deve ‘orientar seu pensamento e ação de tal modo que Auschwitz não se repita, que nada semelhante ocorra’.” (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 88). A *Dialética negativa* impressiona pelo manifesto conhecimento filosófico de Adorno, mas, também, pela sua forma densa de escrita, sem nunca perder de vista o cuidado de criticar a totalidade sem recair em outra proposta que pretenda abarcar a totalidade da realidade.

Por fim, em 1969, Adorno falece deixando a *Teoria estética* inacabada, mas que foi, postumamente, publicada por sua esposa Gretel e pelo neofrankfurtiano Rolf Tiedemann.

A partir disso, a nossa proposta é de desdobrar o pensamento de Adorno, começando pela sua tese de habilitação, quando afirma a ambivalência da concepção estética como caminho de possibilidade para um conhecimento mais real da realidade, passando pela *Dialética do esclarecimento*, *Minima Moralia*, *Prismas* (especialmente *Anotações sobre Kafka*), *Dialética negativa* e *Teoria estética*, buscando evidenciar que, mesmo na sua forma fragmentária de apresentação e abordagem, o conjunto da obra de Adorno tem uma consistente coerência interna que conduz a uma

aproximação entre filosofia e arte, sendo essa o local de exercício da verdadeira razão, exercida de forma crítica, sem nunca perder de vista um enorme respeito ao objeto (materialismo não dogmático), fortemente ancorada no seu contexto de realidade através de sua dialética negativa. É necessário fixar que, para Adorno, dialética negativa é tautologia, conforme afirmado explicitamente na sua obra *Dialética negativa*. Com efeito, a origem etimológica da palavra *dialética* conduz a uma ideia de diálogo, debate, discussão.³

Contexto filosófico da *Dialética negativa*

A função crítica da filosofia adorniana nasce de sua crítica à trajetória do espírito universal na fenomenologia de Hegel⁴ que tem de afirmar sua consciência em si, contraposta às demais consciências. A chamada prioridade do objeto advém da crítica desde o ponto de vista interno dos sistemas filosóficos idealistas, da relação entre o conceito e a coisa. Para Adorno, inspirado nos materialismos não dogmáticos de Lukács, Benjamin e Horkheimer, o pensamento deve sempre estar ancorado na realidade. Sua crítica aos idealistas é centrada na ideia de que os pressupostos apresentados por eles mantinham nexos com a reificação por sua estrutura conceitual, que, ao invés de permitir o conhecimento do objeto pelo sujeito, afastaria o sujeito do simples conhecimento do objeto, transformando-o em poder sobre o mesmo (ao melhor estilo de Bacon), o que explicaria a sociedade alienada e administrada e a racionalidade calculista. O conhecimento idealista seria baseado na homogeneização, na busca pela identidade das coisas, o que promoveria, em verdade, o afastamento entre sujeito e objeto. Pela crítica ao idealismo, a filosofia adorniana pretende promover a liberação do não idêntico contido na razão, mesmo que reconheça que esse não é passível de conceituação no sentido idealista.

³ O termo *dialética*, de origem grega, é composto de *dia* (troca através de) e *lekticós* (apto à palavra) e tem a mesma raiz de diálogo: troca de palavras.

⁴ “Como em Hegel, la contradicción, con la negación como su principio lógico, dotó a su pensamiento de estructura dinámica y proporcionó la fuerza motora para la reflexión crítica. Pero mientras Hegel veía en la negatividad el movimiento del concepto hacia su ‘otro’, sólo un momento dentro de un proceso mayor hacia la consumación sistemática, Adorno no veía posibilidad alguna de que una argumentación se detuviera en la síntesis inequívoca. Hizo de la negatividad el signo distintivo de su pensamiento precisamente porque creía que Hegel se había equivocado: razón y realidad no coincidían.” (BUCK-MORSS, 1991, p. 139).

Por detrás dessa ideia, percebe-se que o primado do objeto em Adorno tem como grande finalidade abalar a crença idealista de domínio completo do objeto, querendo ressaltar a necessidade de estabelecimento de uma relação verdadeiramente dialética entre sujeito e objeto; algo como romper com o conceito, valendo-se do próprio conceito; semelhante à crítica da razão realizada pela razão. A crítica que Adorno lança sobre o conceito é justamente para que esse revele seu caráter não idêntico. Ideia que se expressa de modo já maduro na *Dialética do esclarecimento* e prossegue, dentre outras obras, na *Dialética negativa*, afirmando que a positividade dialética é mera reificação e repetição do pensamento. Em última análise, trata-se de uma crítica que visa a evitar a identidade sujeito/objeto da solução hegeliana em sua espiritualização pela via da dialética negativa.

Importante é frisar que essa prioridade do objeto não tem qualquer elemento de irracionalidade nem representa mero objetivismo, mas significa que o sujeito também assumiria o caráter de objeto, pois não pode ser conhecido senão mediante a consciência, e o que se conhece mediante a consciência precisa ser algo. Tal assertiva visa a eliminar a dominação que se faz possível pelo subjetivismo, pois se o objeto é considerado sem consciência, ele é dispensável na relação de conhecimento; e, se uma das partes se torna dispensável, resta, apenas, a identidade. No pensamento adorniano, o objeto é aquilo que é conceituado pelo sujeito; mas é, além disso, existente em si, independentemente do sujeito. O que não quer dizer que os objetos sejam sujeitos, mas quer representar que o subjetivo está presente também nos objetos, como elemento indispensável à abstração.

Esse elemento de heterogeneidade percebido pela racionalização pós-idealista de Adorno é exatamente o ponto que vai servir como chave de reflexão à questão a partir da qual toda sua filosofia se move: “Só há uma expressão para a verdade: o pensamento que nega a injustiça”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 204). Logo, diferentemente do que ocorreria nas ciências em geral, que mediante a redução dos fenômenos a princípios pretende esgotar seu objeto de conhecimento, a filosofia deve buscar admirar-se do heterogêneo, sem violentá-lo à identidade.

Para tanto, a crítica da *Dialética do esclarecimento*, obra central para a compreensão do pensamento de Adorno, é com relação à chamada racionalidade instrumental. Enquanto a racionalidade instrumental buscaria a planificação da qualidade em quantidade para fins de classificação e dominação, a filosofia adorniana segue na contramão da ciência e dos sistemas

filosóficos positivistas ao buscar a reflexão a partir do elemento qualitativo do objeto e de uma contemplação não violenta.

Nesse sentido, interessa-nos, como forma de compreender a motivação do pensamento adorniano, a relação entre a filosofia social de Weber (1864-1920) e a obra de Adorno e Horkheimer, pois a weberiana descreve detalhadamente o caminho entre o desencantamento do mundo e a concepção de uma razão instrumentalizada. Assim, conforme referido, a ideia de desencantamento do mundo está fortemente presente na obra de Weber.

A ideia de desencantamento do mundo é desenvolvida por Adorno e Horkheimer já no início do primeiro capítulo da *Dialética do esclarecimento*, denominado “O conceito de esclarecimento”, e pode ser representada pela seguinte frase: “O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17). Desencantar o mundo quer representar a eliminação dos mitos e a substituição da imaginação e da fé pelo saber racional. E, seguindo na mesma linha traçada por Weber, Adorno e Horkheimer vão afirmar que “o que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19). A palavra *esclarecimento* é utilizada como sinônimo de iluminismo e significa para Adorno o movimento da razão que pretende racionalizar o mundo, possibilitando sua dominação pelo homem; tal qual o caminho de dominação seguido pelo mito, conforme afirmam Adorno e Horkheimer.

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em-si torna-se paralele. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação (1985, p. 21).

No projeto de desencantamento do mundo, a racionalização passou a ser entendida como o processo que consistia em uma sistematização, intelectualização, especialização, tecnificação e objetivação crescentes em todos os âmbitos da vida. Racionalizar significaria produzir um processo calculável e previsível. A repetição do pensamento já pensado é tratada

como sendo a reificação do pensamento. Nas palavras de Adorno e Horkheimer (1985, p. 37), “o pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ele próprio possa finalmente substituí-lo”. O pensar reifica-se; o que deveria ser dinâmico e criativo, passa a ser fixo, automático e passivo, exterminando a autonomia e a autoconsciência do pensar. Na sociedade esclarecida, o pensar passa a significar classificar, calcular, reduzindo-se a mero formalismo automático e passivo.

Nesse sentido, importante é considerar que a submissão da realidade à calculabilidade e previsibilidade prometidas pela racionalidade despertou o interesse dos Estados, pois poderiam ampliar suas esferas de atuação e de intervenção sobre as mais diferentes necessidades vitais, e do poder econômico dominante no então crescente capitalismo burguês moderno, visto que passou a haver a necessidade de mercado de racionalização dos recursos humanos e de sua utilização. A filosofia de Adorno, com seu materialismo não dogmático de incomensurável entrega ao objeto, pretende fazer justiça com o não idêntico: com o momento qualitativo:

Entregar-se ao objeto equivale a fazer justiça a seus momentos qualitativos. A objetificação científica, em acordo com a tendência à quantificação intrínseca a toda ciência desde Descartes, tende a excluir as qualidades, transformando-as em determinações mensuráveis. Em uma medida crescente, a própria racionalidade é equiparada *more mathematico* (segundo o uso matemático) à faculdade de quantificação. Por mais exatamente que isso tenha em conta o primado de uma ciência da natureza triunfante, ele não reside de maneira alguma no conceito da *ratio* em si. A racionalidade é efetivamente cega, porquanto se fecha contra os momentos qualitativos enquanto algo que precisa ser por sua vez pensado racionalmente. A *ratio* não é mera síntese, ascensão a partir dos fenômenos dispersos em direção ao seu conceito genérico. Ela exige, do mesmo modo, a capacidade de diferenciação. Sem essa capacidade, a função sintética do pensamento, a unificação abstrativa, não seria possível: reunir o igual significa necessariamente distingui-lo do desigual. Esse é, porém, qualitativo; um pensamento que não o pensa já está ele mesmo amputado e em desacordo consigo. (ADORNO, 2009, p. 44).

Enquanto o projeto de racionalidade instrumental busca a planificação da qualidade em quantidade para fins de classificação e dominação, a filosofia adorniana segue na contramão da ciência e dos sistemas filosóficos tradicional-positivistas ao buscar uma reflexão a partir do elemento qualitativo do objeto e de uma contemplação não violenta (materialismo dialético), ideia que bem representa a entrega ao objeto que marca a filosofia de Adorno: “A contemplação não-violenta, de onde vem toda a felicidade da verdade, está vinculada à condição de que o contemplador não incorpore o objeto: proximidade à distância”. (ADORNO, 1993, p. 77).

E a consciência disso é o primeiro passo para o exercício da verdadeira razão, de uma razão que não esquece das suas circunstâncias, objetivo de Adorno nas palavras de Souza:

Este é o móvel fundamental do pensamento de Adorno: o pensamento que não esquece seus próprios condicionamentos, sua história, seus limites, suas origens e motivação originais, quase obsessivamente fixado em seus próprios condicionantes, e que não suporta nenhum tipo de sublimação conciliatória em um todo racional, em algum tipo de Totalidade. (2004, p. 96).

Assim, conforme evidenciado, a *Dialética do esclarecimento* pode ser considerada uma manifestação da Teoria Crítica, representada por Adorno e Horkheimer, sobre a crescente racionalização do mundo. Já a *Dialética negativa* pode ser entendida como uma resposta pessoal de Adorno, de certa forma e implicitamente presente em alguns momentos da obra escrita em conjunto com Horkheimer, fundada em seu materialismo não dogmático e no respeito ao objeto que marca seu pensamento filosófico. Nesse sentido, pelo entendimento da dialética negativa de Adorno, é possível compreender o argumento filosófico que perpassa por todo o seu pensamento anunciadamente fragmentado. A dialética negativa de Adorno se opõe à tradição filosófica na medida em que não se trata de um sistema filosófico autocompreensivo.

Conforme referido, os sistemas filosóficos tradicionais pretendiam compreender a totalidade do real pela elaboração de um sistema que abarcasse a integralidade do real, privilegiando a posição do sujeito em detrimento do objeto. A dialética de Adorno jamais considera o objeto como totalmente apreendido pelo sujeito; o que escapa ao sujeito é justamente o que o caracteriza de modo singular.

Por outro ângulo, pode-se dizer também que o pensamento de Adorno, bem como o de outros membros da Escola de Frankfurt, tinha na dialética sua referência metodológica principal. Mas de que dialética se trata? Exatamente na dialética *negativa*, a expressão dessa ousadia uma *petitio principii*. Isto porque, para Adorno, a única “dialética” que se poderia considerar como propriamente tal seria aquela *aberta*, irreduzível a uma “resolução” superior, *negativa* em relação à positividade da totalidade ao fim das contas autossuficiente, quando por “totalidade” se entende pretensão de verdade que a falsa consciência – a consciência incompleta ou falseada de si mesma e da realidade – institui como verdade suficiente. (SOUZA, 2004, p. 98).

Cogitar a possibilidade de uma dialética positiva seria negar o fato de que o estabelecimento da dialética não prescinde do elemento dual. Diante das estruturas racionais apresentadas como mito, o trabalho dialético, necessariamente, deve ser negativo: uma resistência da verdadeira razão ancorada na realidade contra a opacidade da racionalidade já pensada.

Pensar é, já em si, antes de todo e qualquer conteúdo particular, negar, é resistir ao que lhe é imposto; o pensamento herdou esse traço da relação do trabalho com seu material, com seu arquétipo. Se hoje mais do que nunca a ideologia incita o pensamento à positividade, ela registra astutamente o fato de que justamente essa positividade é contrária ao pensamento e de que se carece do encorajamento amistoso da autoridade social para habituá-lo à positividade. (ADORNO, 2009, p. 25).

Com efeito, a racionalidade do homem é uma qualidade que só se sustenta no constante exercício crítico, tão inacabado quanto a própria humanidade do ser humano, sempre a (se)construir. Razão já pensada é repetição automática e não racionalidade crítica. Repetição é a maneira pela qual todos os mitos têm se conservado na consciência coletiva.

Pensar é ter rumos, tomando consciência desses rumos. Os objetos resistem mais à objetificação do que uma certa lógica racionalista idealizante muito poderosa nos acostumou a conceber. Mas aqui dizemos os objetos eles mesmos, e não suas “essências”, nomes ou algo, como diria Rosenzweig, completamente diferente deles

mesmos, que a racionalidade instrumental é capaz de conceber como sendo “propriamente” eles mesmos. Por outro lado, pensar é ir, necessariamente, além do pensamento. O pensamento não destila realidades, mesmo o pensamento crítico. O pensamento filosófico *indica* realidade com uma propriedade que a falsa consciência do mundo é incapaz de anular, por mais que a substitua por sucedâneos mais brilhantes e atrativos, ou mais coloridos e fáceis. Ali onde o pensamento se dá, é onde a angústia da diferença se torna inamovível. Inamovível, mas não paralisada: o pensamento, no estreito fio de navalha no qual é obrigado a se mover para não cair, nem na banalidade, nem na violência e na perversão, pode contar com ela para permanecer em si mesmo sem se fechar em si mesmo. (SOUZA, 2004, p. 124-125).

Interessante é perceber que tanto o mito quanto o pensamento reificado legitimam-se e se conservam pela repetição. Isso quer dizer que ambos foram, em algum momento, objeto da criação do pensamento de uma mente racional. E, nesse ponto, se encontra a acusação de Adorno contra o pensamento reificado, que se afigura como a importância central da negatividade da razão: a razão é um exercício único e não passível de afirmação descolada da materialidade do objeto com o qual se relaciona. O mecanismo humano de defesa tanto contra o mito quanto contra a razão instrumentalizada, ambos sustentados pela mera repetição, é a dialética negativa.

A dialética negativa como ferramenta para a superação do mito pela razão

Pela negatividade, a filosofia de Adorno pretente a si a árdua tarefa de criticar a razão utilizando-se da própria razão. A leitura de sua obra permite perceber que o centro de seu questionamento é exatamente o conceito de razão e a relação sujeito-objeto. O ponto de partida para essa tarefa, aparentemente contraditória, de criticar a razão desde a própria razão, é a passagem do homem do medo mítico para o esclarecimento mediante a racionalidade. Enquanto a maioria dos pensadores exaltava (e alguns ainda hoje exaltam) a razão iluminista burguesa como a possibilidade de libertação do homem pelo conhecimento, Adorno percebeu que a libertação realizada pela razão limitava-se apenas a alguns poucos homens que se valiam dessa razão como pensamento reificado para dominação dos demais e da própria natureza. O exercício racional estrito era, via de regra, realizado apenas por

alguns poucos que se valiam dessa condição para instrumentalizar a razão libertadora – ele dirá: emancipadora – transformando-a em mecanismo de dominação.

A relação que Adorno vai estabelecer entre mito e razão parte da ideia de que, com a racionalidade esclarecida, o homem passa a acreditar que a chave para o entendimento da totalidade está nele mesmo e em sua capacidade de racionalização, eliminando o desconhecido que é fonte de medo e angústia. Toda diferença é reduzida ao poder racional do sujeito. O objeto se subsume de algum modo no sujeito, determinando o trajeto da desmitologização. A subjetivação da razão faz o homem acreditar na sua posição de senhor absoluto do mundo e surge a “ideologia da razão” por detrás do esclarecimento do mundo.

Fica claro do até aqui exposto que a filosofia de Adorno é fundamentalmente marcada pela teoria crítica, que, diferentemente da chamada teoria tradicional, se dobra sobre a realidade a partir de uma profunda análise dos condicionamentos históricos e sociais do pensar, buscando, dessa forma, respeitar os momentos qualitativos do objeto. Nesse sentido, aspectos políticos, estéticos e econômicos são considerados no perceber filosófico do mundo. É exatamente a partir das tensões, ambivalências e rupturas da realidade, que a filosofia deve ser pensada para Adorno, o que pode ser considerado uma forte ligação com a estética, a partir de uma filosofia crítica.

O pensamento filosófico causa desconfiança na razão ingênua ou instrumental – e muito mais na razão ideológica das verdades petrificadas –, aquela que, travestida de filosofia, desvia a atenção filosófica para âmbitos menos perigosos a uma determinada estrutura intelectual de sustentação hegemônica. E se o pensamento filosófico não causar essa desconfiança, ele não existe como tal, mas como caricatura perversa de si mesmo. (SOUZA, 2004, p. 115, grifo nosso).

Para emprestar maior solidez ao seu percurso argumentativo crítico-filosófico, mesmo com os olhos na realidade, Adorno realiza uma consistente crítica imanente sobre a tradição filosófica tradicional, partindo do elemento nuclear do idealismo: o conceito. Adorno vai afirmar que “para o conceito, o que se torna urgente é o que ele não alcança, o que é eliminado pelo seu mecanismo de abstração, o que deixa de ser um mero exemplar de conceito”.

(ADORNO, 2009, p. 15). Para realizar tal crítica, Adorno demonstra conhecer profundamente a tradição filosófica, não como mera forma de demonstração de erudição filosófica, mas como força argumentativa de quem critica demonstrando conhecimento sobre o objeto de sua argumentação. A crítica de Adorno não se propõe a resolver as tensões da realidade, sob pena de se configurar em ideologia, mas pensa o objeto do conhecimento filosófico a partir de sua face mais real possível.

E todo esse denso e pesado roteiro de estudo adorniano é pensado a partir da célebre questão lançada no início da *Dialética do esclarecimento*: Como é possível que a humanidade livrada do mito pela teoria tradicional, ao invés de “entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie?” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11). Pode-se depreender dessa afirmação em conjunto com a conhecida frase de que “nenhuma história universal leva da selvageria ao humanismo, mas há uma história universal que leva da funda à bomba atômica”, de que Adorno não entendia a história como sendo linear; entendia, em verdade, que a barbárie esteve sempre presente na história da humanidade.

De modo mais geral e bem diferente do pensado por Adorno, os autores pretendem entender como a cultura do século XVIII, que prometeu alcançar sua forma mais alta da exigência da emancipação do homem, acabou por resultar, exatamente, no seu oposto, a heteronímia. A razão científica deixou de satisfazer o homem na sua busca pela verdade e passou a realizar apenas uma *operation*, estabelecer relações entre meios e fins da forma mais eficaz possível. No dizer de Adorno sobre a ciência, que se aplica perfeitamente ao que se está argumentando, “o que se torna problemático é não apenas a atividade, mas o sentido da ciência”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11).

Tais considerações constam da *Dialética do esclarecimento*. Na referida obra restam muito claramente evidenciados dois movimentos do esclarecimento: um processo que desencanta a natureza, pretendendo ultrapassar a construção mitológica, na qual o homem é visto como amedrontado por forças externas divinizadas; mas, por outro, o movimento de autonomia diante dessas ameaças externas que acabam se transformando em uma autopreservação selvagem, faz com que o controle sobre a natureza externa regrida a uma violência introjetada que cria uma série de limitações e repressões que restringem as pretensões de felicidade do homem. De acordo com Adorno e Horkheimer (1985, p. 24), “o preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem

o poder”. O esclarecimento, como repetição, apresenta-se cada vez mais semelhante à mitologia, transformando o pensamento em tautologia. A ciência positivista que desencanta o mundo impõe o método para racionalizar e ordenar o mundo fatural, classificado, unificado pela lógica formal e decifrado pela matemática, recusando tudo o que não se enquadra nos critérios de cálculo e utilidade, como forma de dominação da natureza.

Nunca é demais reafirmar que o pensamento de Adorno não é mero diletantismo ou pensar filosófico que se afirma pela erudição e inegável complexidade; trata-se de um pensamento que tem como motor e elemento sempre presente a barbárie na qual se afunda a humanidade como sendo resultado da razão esclarecida, a qual será consistentemente criticada a partir dessa questão. Contra a razão que se converte em irracionalidade, a filosofia deve ser pensada e exercida criticamente: para evitar momentos catastróficos que podem ser o desdobramento último das teorias filosóficas que se constituem a partir da identidade, conforme foi argumentado ao longo do presente texto.

Considerações finais

Nos termos expostos, a filosofia de Adorno é um produto da história pessoal do pensador, indelevelmente marcada pelas circunstâncias históricas, sociais e econômicas do seu tempo. Adorno foi um exemplo vivo do materialismo não dogmático em que tanto acreditou e da dialética negativa que lhe serviu de ferramenta. Conforme referido, sua filosofia foi pensada a partir das catástrofes, num século de catástrofes, tendo como motor e, ao mesmo tempo, grande projeto argumentativo-racional, o evitamento de momentos de repetição da barbárie que sempre se fez presente ao longo da história da humanidade.

De todo o exposto, o pensamento de Adorno pode ser entendido como sendo da razão, do não idêntico, que parte da necessidade de evitamento da catástrofe, tem como ferramenta a dialética negativa para criticar uma racionalidade instrumentalizada, visando a respeitar o momento qualitativo do objeto. Assim, a ideia de dialética negativa tem papel central na obra adorniana, na medida em que essa ferramenta não permite uma solução identificadora. A dialética deve permanecer como abertura, como possibilidade de construção e não como definição.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*, Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- _____. *Minima moralia: reflexões sobre a vida danificada*. São Paulo: Ática, 1993.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- BUCK- MORSS, Susan. *Origen de la dialéctica negativa: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, y el Instituto de Frankfurt*. México: Siglo Veintiuno, 1991.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *Razões plurais: itinerários da racionalidade ética no século XX*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

Submetido em 21 de setembro de 2017.
Aprovado em 23 de outubro de 2017.